



ERA UMA VEZ EM GOA

Paulo Varela Gomes

era  
uma vez  
em  
goa



PREFÁCIO DE  
IVAN NUNES

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

L I S B O A  
TINTA-DA-CHINA  
M M X V

## ÍNDICE

Prefácio  
*de Ivan Nunes*  
9

Chegada  
13  
Intervalo  
241  
Partida  
245  
Interrupção  
definitiva do autor  
347

Apêndice  
*«Goa the Unique», de Graham Greene*  
349

Nota final  
361  
Nota biográfica  
363

© 2015, Paulo Varela Gomes  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *Era Uma Vez em Goa*  
Autor: Paulo Varela Gomes  
Prefácio: Ivan Nunes  
Revisão: Frederico Carvalho e Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Fevereiro de 2015

ISBN 978-989-671-245-7  
Depósito Legal n.º 386087/14

## PREFÁCIO

Este livro é um divertimento: uma ficção construída a partir de fragmentos de muitas coisas que o Paulo Varela Gomes sabe sobre a Índia, e de algumas outras que preferiu não saber, para poder imaginar. O seu aspecto mais revelador talvez seja a nota de rodapé que aparece recorrentemente, página após página: invertendo ironicamente a função das notas de rodapé nos trabalhos académicos, ela não demonstra aquilo que o autor sabe, mas chama a atenção para aquilo que ele não sabe. «O autor tem recursos bibliográficos, e tem sobretudo amigos e conhecidos suficientemente sabedores, para averiguar com exactidão como era a vida quotidiana em Goa em 1963 e 1964, mas preferiu inventar de vez em quando.» Ele sabe, por exemplo, que Graham Greene esteve em Goa em finais de 1963, porque conhece o artigo que publicou no *Times*; podem imaginar-se as pessoas com quem se cruzou, as conversas que teve, as impressões que deixou no caminho?

Paulo Varela Gomes já publicou muitos artigos com notas de rodapé sobre a Índia. Além disso, viveu em Goa por duas vezes (em 1996-98 e em 2007-9), desempenhando funções de delegado da Fundação Oriente, e foi co-autor (com Camilo Azevedo) da série de televisão *O Mundo de Cá* (RTP, 1995), sobre a arquitectura que os portugueses

deixaram em Goa, noutras partes da Índia e no Sri Lanka. Mas a história de Paulo Varela Gomes com Goa começou antes mesmo de ele ter nascido: no final da década de 1940, o pai cumpriu serviço militar no território, pouco antes de regressar a Lisboa, onde casou e onde nasceu o Paulo, o seu primeiro filho. A vida do pai antes do nascimento do filho é, por definição, um tempo mítico. Significativamente, o título deste livro remete para a matéria das lendas: *Era Uma Vez...* É uma história passada num sítio que, como o autor explica, provavelmente nunca terá existido: «a Idade da Inocência de Goa», o momento antes da Queda.

Quem conheça um pouco o Paulo Varela Gomes divertir-se-á a descobrir os detalhes autobiográficos aqui escondidos: uma edição das *Meditações* de Marco Aurélio deixada pelo jovem tenente João Varela Gomes em Pangim em 1949 (p. 235); uma viagem que tem início em 28 de Outubro de 1963, o dia em que o autor fez onze anos; um protagonista originário de Bristol, a cidade inglesa onde o autor morou durante alguns meses em 1987. Talvez alguns desses detalhes autobiográficos sejam eles próprios imaginários; não sei.

O que no fim se destaca, claro, não são os detalhes que o autor desconhece, mas o muito que ele conhece, sobre a história do lugar, as marcas da presença portuguesa (as marcas arquitectónicas e as outras), o ambiente, a geografia. *Era Uma Vez em Goa* é em parte uma história intelectual inventada, em parte história *tout court*, em parte ainda um conjunto de observações de quem passou muito tempo na Índia com os olhos abertos, e que se dá agora a liberdade de poder escrever sem fundamentação precisa. Como nos outros romances do Paulo Varela Gomes, como nas cróni-

cas de *Ouro e Cinza*, a descrição é vívida, detalhada, rigorosa, evocativa. Lê-se não tanto como a história de uma viagem, mas com a impressão de que o autor aproveitou, com estas páginas, sentado à secretária, ao computador, para viajar mais uma vez por Goa. E é o próprio lugar que é o protagonista.

IVAN NUNES

## Chegada

Houve uns poucos de anos em que a minha vida foi invulgar.

No dia 28 de Outubro de 1963, mais ou menos no princípio desse período, cheguei à fronteira norte do território de Goa e depois de passar pela habitual confusão atabalhoada com passaporte e visto comecei a ver as coisas complicarem-se porque havia soldados e metralhadoras por todos os lados. Pensei em revoluções, em guerras civis e no facto de que alguém podia ter feito o favor de me avisar disso em Bombay, onde tinha apanhado o autocarro para Goa\*. Esperei muito tempo a tremer de frio debaixo de um alpendre de chapa ondulada matraqueado raivosamente pela chuva que caía em torrentes tanto no dito alpendre como no terreiro de lama avermelhada e no cetim verde das folhas dos coqueiros. Sentei-me num pedaço de chão mais ou menos seco, com os ossos moídos da viagem de

\* O autor não acredita naquilo que aqui escreve, e em muitas páginas subsequentes: que, dois anos passados sobre a invasão pela União Indiana dos antigos territórios portugueses na Índia: Goa, Damão e Diu (19 de Novembro de 1961), ainda houvesse um grande aparato militar nas fronteiras estaduais ou nos espaços públicos de Goa. O autor tem recursos bibliográficos, e tem sobretudo amigos e conhecidos suficientemente sabedores, para averiguar com exactidão como era a vida quotidiana em Goa em 1963 e 1964, mas preferiu inventar de vez em quando, e se nessas ocasiões acertou foi por acaso. Deve considerar-se que esta novela faz referência, em grande medida, a um sítio e época míticos: a Idade da Inocência de Goa.

camioneta, um dia e uma noite desde Bombay, sempre debaixo de chuva, sempre aos tombos e sacudidelas, sempre sem conseguir dormir entre corpos suados e malas, caixas e baús, húmidos, ásperos e pontiagudos. Um dos guardas da fronteira fez-me sinal lá de longe, da porta do casinhoto de pedra coberto de telha que servia de posto fronteiriço. Atravessei à chuva o terreiro deserto, ladeado de coqueiros, barracos de pedra vermelha, soldados e metralhadoras. Não parecia haver mais ninguém no posto, somente eu que me aproximava e ele que, sem olhar para mim, me esperava à porta. Entrei, tirei da cabeça o chapéu de críquete de abas largas, agora ensopado, que trazia sempre na cabeça desde Inglaterra para proteger do sol a minha pele de menina branca, e lá dentro ouvia-se menos o barulho da chuva, embora caísse água por toda a parte, pingo a pingo ou em corrúpio, até mesmo em cima do tampo de uma mesa de pau estranhamente bem lavrada que servia de secretária, coberta de papéis sujos e encaçacolados de humidade, atrás dos quais se sentavam três homens de uniformes caqui muito pouco alinhados e limpos. Um deles disse qualquer coisa ao que me tinha chamado e este sentou-se num banco que estava para ali, pôs os olhos no chão e perguntou para ninguém num inglês perfeitamente compreensível:

— Tell the truth, please. You are portuguese, no?

Não percebi a palavra portuguese.

— I'm sorry? Can you repeat the question, please?

Tirou de cima da mesa o meu passaporte azul-escuro, as armas britânicas ainda visíveis apesar da gordura e do sebo que ameaçavam afogar-lhes de vez a legibilidade.

— You are portuguese, no? This is false passport, yes?

Já não tinha força para me aborrecer ou fingir que estava aborrecido. O dinheiro que tinha metido dentro das cuecas não chegava para pagar mais corrupção a funcionários ou polícias, mas tinha de chegar para eu poder fazer os vinte ou trinta quilómetros que separavam da fronteira o sítio para onde ia: Anjuna, o meu farol marinho, a minha estrela-do-mar, o meu horizonte esmeralda.

— Não, não, o passaporte é absolutamente legítimo, verdadeiro, british, vejam o carimbo do consulado inglês em Bombay.

— Long time — disse o polícia, olhando agora para mim, e eu, cabelo, sobrancelhas, olhos escuros, a tentar fazer o impossível: ter um ar de inglês.

— Excuse me?

— Long time, visa long time.

Ah, o visto do Alto Comissariado indiano em Londres\*, o visto, esse visto que tinha dado tanto trabalho, tantas horas de espera, quase tantos quilómetros de explicações quantos tivera a rota que tencionava então seguir para chegar à Índia, a rota que de facto segui.

O visto. Comecei a fazer uma espécie de pantomina, dedo no ar, sigo o traço da viagem no mapa que percorrera para chegar ali. Paro o movimento do dedo de cada vez que tenho de o espetar com veemência em sítios do mapa que eles não estão a ver:

— Sim, o visto tem três meses, long journey, very long: Londres (dedo espetado), Viena (dedo espetado), Belgrado (sem espetar o dedo, não tinha certeza de que fosse antes ou

\* O autor não sabe se em 1963 um cidadão britânico precisava de visto para entrar na Índia.



para se espalhar por toda a costa logo que as barreiras sejam levantadas.

Portugal ajudou a formar o carácter especial de Goa e este pode sobreviver a Portugal durante um ano ou dois. Mas não é possível pendurar um crânio na entrada de Goa para afastar o mau-olhado. Não admira que até nas grandes casas da Goa jesuíta tenhamos uma sensação de impermanência. Há pó sobre a mobília, nos melhores quartos empilham-se malas no chão com um pequeno saco de viagem em cima. É como se a família não tivesse tido tempo de desfazer as malas e já se aproximasse a hora de partir.

#### NOTA FINAL

A primeira versão de *Era Uma Vez em Goa*, muito parecida com aquela que o leitor tem entre mãos, foi escrita em Maio, Junho e Julho de 2012. O autor não escrevia ficção há mais de vinte e cinco anos. Ao livro, foram indispensáveis o trabalho de revisão do texto de Frederico Carvalho, um velho amigo do autor, e de Inês Hugon (Tinta-da-china). E também as sugestões de Patrícia Vieira, Manuel Magalhães e Sidh Mendiratta, que, cada um à sua maneira, conhecem bem o autor, Goa e a Índia.

## NOTA BIOGRÁFICA

Paulo Varela Gomes, nascido em 1952, foi professor dos ensinos secundário e superior até se reformar em 2012, autor de artigos e livros da sua área de especialidade (história da arquitectura e da arte), colaborador e cronista permanente de vários jornais e revistas, designadamente o *Público*, autor e apresentador de documentários de televisão. É casado, pai de dois filhos e avô de uma neta e de um neto.

Com a Tinta-da-china, publicou o livro de crónicas *Ouro e Cinza* (2014) e, na colecção de ficção, *Hotel* (2014) e *O Verão de 2012* (2013).

## NESTA COLECÇÃO

- |  |   |  |  |
|--|---|--|--|
| Morte na Pérsia<br><i>Annemarie Schwarzenbach</i><br>(trad. Isabel Castro Silva)   | Histórias Etíopes<br><i>Manuel João Ramos</i>                                 | O Murmúrio do Mundo<br><i>Almeida Faria</i>  | Dicionário de Lugares<br>Imaginários<br><i>Alberto Manguel e Gianni<br/>Guadalupi</i><br>(trad. Carlos Vaz Marques<br>e Ana Falcão Bastos) |
| Uma Ideia da Índia<br><i>Alberto Moravia</i><br>(trad. Margarida Periquito)        | Na Síria<br><i>Agatha Christie</i><br>(trad. Margarida Periquito)             | Viagem a Tralalá<br><i>Wladimir Kaminer</i><br>(trad. Helena Araújo)                       |  |
| Paris<br><i>Julien Green</i><br>(trad. Carlos Vaz Marques)                         | A Viagem dos Inocentes<br><i>Mark Twain</i><br>(trad. Margarida Vale de Gato) | Histórias de Londres<br><i>Enric González</i><br>(trad. Carlos Vaz Marques)                | Hav<br><i>Jan Morris</i><br>(trad. Raquel Mouta<br>e Vasco Gato)   |
| O Japão é Um Lugar<br>Estranho<br><i>Peter Carey</i><br>(trad. Carlos Vaz Marques) | Viva México<br><i>Alexandra Lucas Coelho</i>                                  | Os Primos da América<br><i>Ferreira Fernandes</i>  | Mi Buenos Aires Querido<br><i>Ernesto Schoo</i><br>(trad. Carlos Vaz Marques)  |
| Veneza<br><i>Jan Morris</i><br>(trad. Raquel Mouta)                                | Jerusalém — Ida e Volta<br><i>Saul Bellow</i><br>(trad. Raquel Mouta)         | Cadernos Italianos<br><i>Eduardo Pitta</i>   | Histórias de Roma<br><i>Enric González</i><br>(trad. Rita Almeida Simões)  |
| Caderno Afegão<br><i>Alexandra Lucas Coelho</i>                                    | Caminhar no Gelo<br><i>Werner Herzog</i><br>(trad. Isabel Castro Silva)       | Um Gentleman na Ásia<br><i>Somerset Maugham</i><br>(trad. Raquel Mouta)                    | A Estrada para Oxiana<br><i>Robert Byron</i><br>(trad. Raquel Mouta)   |
| Disse-me Um Adivinho<br><i>Tiziano Terzani</i><br>(trad. Margarida Periquito)      | Cartas do Meu Magrebe<br><i>Ernesto de Sousa</i>                              | Mais Um dia de Vida —<br>Angola 1975<br><i>Ryszard Kapuściński</i><br>(trad. Ana Saldanha) | Dália Azul, Ouro Negro<br><i>Daniel Metcalfe</i><br>(trad. Susana Sousa e Silva)   |
| Nova Iorque<br><i>Brendan Behan</i><br>(trad. Rita Graña)                          | Viagem de Autocarro<br><i>Josep Pla</i><br>(trad. Carlos Vaz Marques)         | Vai Brasil<br><i>Alexandra Lucas Coelho</i>  |  |
|  | O Colosso de Maroussi<br><i>Henry Miller</i><br>(trad. Raquel Mouta)          |  |  |



